



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

WILLIAM BILCK

**COMPREENSÃO DE METÁFORAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO NARRATIVA**

FLORIANÓPOLIS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

WILLIAM BILCK

**COMPREENSÃO DE METÁFORAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO NARRATIVA**

Projeto apresentado na disciplina FON 7700 ao curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC como requisito final para apresentação do trabalho de conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula de Oliveira Santana. Coorientador: Me. Márcio Roberto Almeida Pina

FLORIANÓPOLIS

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha noiva Kassiane Peres da Silveira, por sempre estar ao meu lado me apoiando e incentivando na realização do meu trabalho de conclusão de curso.

As minhas amigas Thais, Danyelle e Ana Clara, por sempre me acalmarem e me apoiarem quando eu estava para baixo.

Aos meus pais Alcione João Bilck e Márcia da Luz Bilck, por sempre me oferecerem total apoio e incentivo durante toda a realização da minha graduação.

Minha colega de orientação Lucineide de Araujo Rosa, por dividir as frustrações do TCC comigo.

A minha orientadora Ana Paula Santana, por ter acreditado em mim e me acolhido.

A minha professora Patricia Hass, por estar sempre disponível para tirar minhas dúvidas e me orientar nos próximos passos.

E por último ao curso de graduação em fonoaudiologia da UFSC, por ter profissionais excelentes e compreensivos, sempre acessíveis para ajudar a sanar as dúvidas da graduação e ajudar com o que precisasse.

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição cada vez mais comum no nosso dia a dia. Uma das principais características do TEA é a dificuldade na linguagem e interação, principalmente nas áreas da semântica e da pragmática, o que inclui diretamente a compreensão de metáforas. **Objetivo:** realizar uma revisão de literatura narrativa sobre a compreensão de metáforas em crianças com diagnóstico de TEA. **Metodologia:** Pesquisa nas bases de dados eletrônicos SciELO e CAPES, utilizando-se de 3 descritores diferentes: “Autismo”, “Asperger” e “TEA” em conjunto com 4 palavras-chaves: “Metáforas”, “Compreensão”, “Semântica” e “Pragmática”. **Resultados:** Foram encontrados um total de 552 artigos. Destes, somente 3 se mantiveram após as etapas de filtragem, sendo eles dois relatos de pesquisa e uma revisão bibliográfica envolvendo as áreas de fonoaudiologia, linguística e psicologia. **Conclusão:** Os trabalhos encontrados destacam as dificuldades de compreensão de metáforas complexas sendo necessário analisar melhor os tipos de processo inferencial. Desta forma, o estudo demonstra-se importantíssimo para o aprofundamento dos aspectos linguísticos das pessoas com TEA.

Palavras-chave: Compreensão. Metáforas. Transtorno do Espectro Autista. Fonoaudiologia.

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is an increasingly common condition in our daily lives. One of the main characteristics of ASD is difficulty in language and interaction, mainly in the semantic and pragmatic areas, which directly includes the understanding of metaphors. **Objective:** to carry out a narrative literature review on the understanding of metaphors in children diagnosed with ASD. **Methodology:** Search in the SciELO and CAPES electronic databases, using 3 different descriptors: “Autism”, “Asperger” and “ASD” together with 4 keywords: “Metaphors”, “Comprehension”, “Semantics” and “Pragmatics”. **Results:** A total of 552 articles were found. Of these, only 3 remained after the filtering stages, two research reports and a bibliographic review involving the areas of speech therapy, linguistics and psychology. **Conclusion:** The works found highlight the difficulties in understanding complex metaphors, making it necessary to better analyze the types of inferential processes. In this way, the study

proves to be extremely important for deepening the linguistic aspects of people with ASD.

Keywords: Comprehension. Metaphor. Autism Spectrum Disorder. Fonoaudiology.

INTRODUÇÃO

Segundo o último levantamento do Centers for Disease Control and Prevention (CDC), realizado em 2023, o autismo é um transtorno que atinge 1 a cada 36 crianças, representando um grande salto desde o primeiro levantamento, nos anos 2000, em que a prevalência era de 1 a cada 150 crianças (Maenner et al., 2023). Sendo um transtorno sem uma causa definida, mas multifatorial (Ferreira, 2020), este aumento de casos vem causando uma preocupação em termos clínicos, educacionais e sociais, pois é necessário que se tenha práticas inclusivas em todas as áreas da sociedade, assim como formação e informação que permita acessibilidade e inclusão social.

Na década de 40, do século passado, dois cientistas Hans Asperger (1943) e Leo Kanner (1944) foram os primeiros a identificarem e separarem sintomas de crianças com autismo e Síndrome de Asperger, sendo esse último, considerado um autismo “mais leve” (Klin, 2006). Ou seja, a diferença, na verdade, revelava-se aqui em termos de quantidade e qualidade de sintomas.

Pouco tempo depois, o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), na sua primeira edição com o DSM-I em 1952, não apresentava em seu texto o autismo enquanto transtorno. As crianças que possuíam essas características eram diagnosticadas com “reação esquizofrênica infantil” (Alcalá & Madrigal, 2022).

Somente em 1980, depois que a genética e as alterações neurobiológicas começaram a ser mais estudadas, o autismo foi considerado uma entidade única, sendo descrito no DSM-III como uma subcategoria da classe diagnóstica de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID). Em 1994, no DSM-IV, o autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento que é descrito juntamente com outros transtornos como a Síndrome de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação (Almeida & Neves, 2020).

A palavra “Spectrum” só passou a ser utilizada no DSM-5 em 2013 (Alcalá & Madrigal, 2022) e passou a englobar todos os transtornos citados anteriormente, exceto a síndrome de Rett (Pazeto et al., 2013). É aí que a terminologia se modifica para Transtorno do Espectro Autista (doravante TEA) compreendendo os sintomas em níveis diferenciados. Nesse contexto, não fazia mais sentido a terminologia “síndrome de Asperger”, já que ela está dentro do espectro.

Desta forma, o TEA é descrito atualmente por diversos sintomas e níveis de suporte. Os sintomas característicos são: déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, déficits em comportamentos não verbais, interação social, habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos prejudicadas e além dos déficits o sujeito deve apresentar padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2013). Todas essas características influenciam diretamente na vida pessoal e social do indivíduo, criando possíveis dificuldades de aprendizado, socialização, entre outros (Rutter, 2011; Heleno, Oléa, Yanez, Costa & Tarricone, 2020).

Segundo a literatura sobre o tema, o autismo é quatro vezes mais comum em meninos do que em meninas, como ocorre com muitos transtornos da linguagem (Maenner et al., 2023). Crianças com TEA podem ter seu desenvolvimento de linguagem atrasado e como os sintomas também afetam a interação essas dificuldades já são percebidas precocemente pelos pais/responsáveis ou pela escola (Posar & Visconti, 2022).

Ressalta-se ainda que a descrição dos sintomas não pode ser interpretada como descrição simplesmente objetiva, pois há singularidades: crianças que são falantes e afetivas, outras que conhecem a letras, mas não conseguem ler, outras que não falam sua língua materna, mas emotivamente se interessam por uma segunda língua, outras que não falam, porém leem, outras ainda que gostam muito de carinho e interação, embora não mantenham contato ocular, etc... Ou seja, há uma diversidade de comportamentos que não podem ser classificados e dimensionados sem que se analise sócio historicamente essas características na família e na sociedade. Nesse sentido, a definição de níveis se apresenta mais como uma forma de tentar classificar os sintomas em termos de necessidade de apoio, principalmente para as questões educacionais, que se relacionam às formas singulares através das quais a criança interage.

Visando legitimar essa hierarquia de sintomas, o DSM-5, descreve três níveis que podem incluir diferentes características e suportes, sendo o nível 1 com menos necessidades de apoio e o nível 3 com mais necessidade de suporte. Cada nível traz um conjunto de especificidades, porém é importante frisar que, mesmo que um sujeito esteja em um nível menor de suporte, ele não possui menos dificuldades que o outro, porém possivelmente necessitam de menos suporte externo para se regular e

participarem ativamente da sociedade. Nesse sentido, é importante ter cuidado para não compreender os níveis de TEA apenas enquanto um rótulo, uma etiqueta das ciências médicas que exclui e desumaniza os sujeitos. Nesse caso, paradoxalmente,

O diagnóstico que traria alívio e identificação inicialmente, pois possibilita que o sujeito identifique o seu sofrimento e busque uma forma de lidar com esse sofrimento, tem a capacidade de se tornar mecanismo de enquadramento e limitação, quando deixa de ser uma ferramenta para realizar o diagnóstico e se torna a única forma de compreensão do sofrimento. Por almejar ser utilizado em diferentes regiões do mundo e sem implicações filosóficas, o manual se aproxima de um dicionário descritivo, o que tende a facilitar a sua utilização em meios não clínicos. (...) (Pisetta & Gregório, 2023: 311).

Especificamente sobre os transtornos de linguagem no campo semântico-pragmático, objeto deste trabalho, a literatura refere que pessoas com diagnóstico de TEA usualmente apresentam problemas de linguagem na área da semântica e principalmente na área da pragmática (Hage, Sawasaki, Hyter & Fernandes, 2022). Esses problemas podem resultar em dificuldades para a compreensão de metáforas, de ironias, de sentido figurado, piadas, dentre outros. Levando em conta que a linguagem do ser humano é ricamente metafórica e que segundo uma estimativa feita por Pollio (1977) utilizamos em média quatro figuras de linguagem para cada minuto de conversação livre (apud Lima, 2003), a compreensão prejudicada de metáforas pode acarretar grandes prejuízos conversacionais para o sujeito.

Vale ressaltar que a base da metáfora tem muitos aspectos culturais atrelados, pois cada “sociedade” tem suas próprias expressões idiomáticas. A compreensão da metáfora é de grande importância para a interação, pois ela está muito atrelada ao nosso cotidiano. A privação da compreensão pode causar muitas falhas de entendimento da conversa e até certo ponto um isolamento social do indivíduo (Marques, 2005).

Os estudos sobre metáfora já são amplamente discutidos desde o século passado, tendo várias perspectivas teóricas. Um dos estudos mais bem conceituados é o modelo proposto por Lakoff e Johnson (1980) na sua clássica obra “*Metaphors we live by*”, em que a metáfora é definida como um processo sistemático de raciocínio, pois o modo de viver e pensar do ser humano é ricamente metafórico e que a base da compreensão metafórica é conhecer uma coisa em termos de outra (Monteiro, 2013).

Dito isso, tem-se também a implicatura como forma de comunicação pragmática, que necessita que o sujeito conheça informações prévias sobre um determinado objeto e/ou o sujeito para conseguir entender as inferências subscritas na conversação sem necessitar que a informação seja literalmente dita (Vieira, Amaro & Mendes, 2021).

Os estudos sobre TEA e metáfora ainda são incipientes, pois há pouca literatura sobre o tema. Contudo, essa temática é extremamente relevante, pois tem implicações para a aquisição da linguagem e para a leitura, escrita e aprendizagem das crianças (Leon, Siqueira, Parente & Bosa, 2007), assim como para as diferentes interações sociais.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo realizar uma revisão de literatura narrativa sobre a compreensão de metáforas em crianças com diagnóstico de TEA.

METODOLOGIA

Esse estudo busca realizar uma revisão narrativa que busca descrever e/ou analisar o estado atual de um determinado assunto, através de uma pergunta norteadora específica idealizada pelo autor da pesquisa, a fim de se atualizar de forma abrangente. Esse tipo de pesquisa tende a analisar a literatura de publicações em diversos meios físicos e/ou eletrônicos. A revisão narrativa é considerada uma análise qualitativa e não fornece respostas para questões quantitativas (Rother, 2007).

A presente revisão narrativa teve como questão norteadora: “Como se tem estudado a compreensão de metáforas em crianças com transtorno do espectro autista?” Para a seleção de produções foi realizada pesquisa nas bases de dados eletrônicos: SciELO e CAPES, utilizando-se de 3 descritores diferentes: “Autismo”, “Asperger” e “TEA” em conjunto com 4 palavras-chaves: “Metáforas”, “Compreensão”, “Semântica” e “Pragmática”.

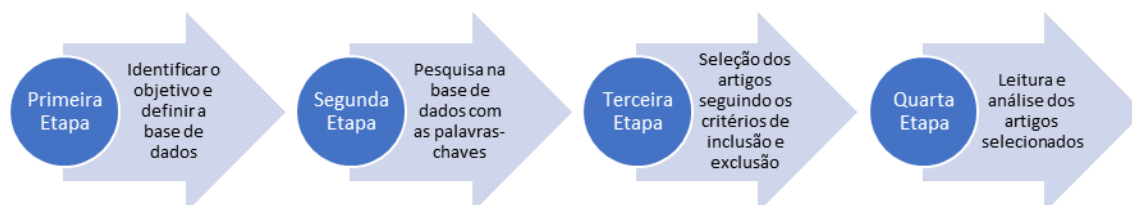
A utilização de descritores diferentes para a pesquisa se deu por conta das mudanças que ocorreram durante os anos em como se referir ao Transtorno do Espectro Autista.

Para critérios de inclusão na presente pesquisa foram utilizados artigos que remetessem à questão norteadora, independente do ano, que estivessem escritos nos

idiomas português, inglês ou espanhol e que apresentassem estudos com crianças de 06 a 14 anos de idade. Para critérios de exclusão foram retirados artigos escritos em outras línguas que não fossem o português, inglês ou espanhol, pesquisas que envolvessem sujeitos menores de 06 anos e/ou maiores de 14 anos de idade e que não remetesse à questão norteadora.

Os artigos encontrados passaram por 4 etapas de filtragem, como demonstra a Figura 1 abaixo, sendo a primeira por leitura dos títulos, a segunda por exclusão dos artigos repetidos, a terceira por exclusão de leitura dos resumos e por último a leitura completa dos artigos selecionados.

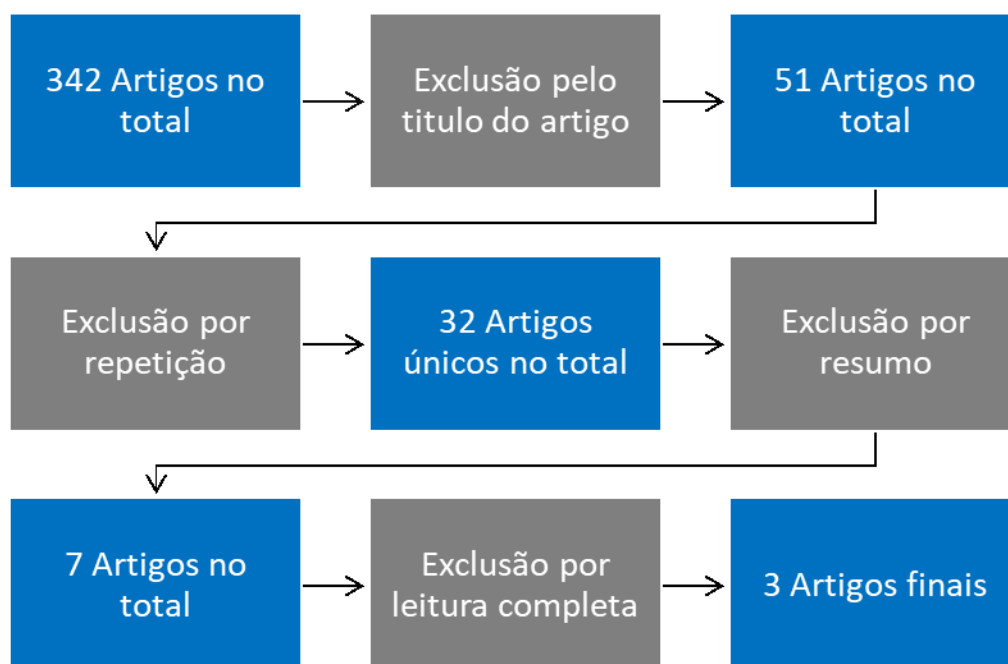
Figura 1 - Procedimentos da Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Utilizando o descritor “Autismo” foram encontrados 342 artigos no total, dos quais 51 foram selecionados após a leitura dos títulos, sobrando 32 artigos únicos após a exclusão dos duplicados. Então foram lidos e analisados os resumos desses artigos, dos quais sobraram 7, para leitura completa e que resultaram em 3 artigos finais, como mostra a Figura 2 abaixo.

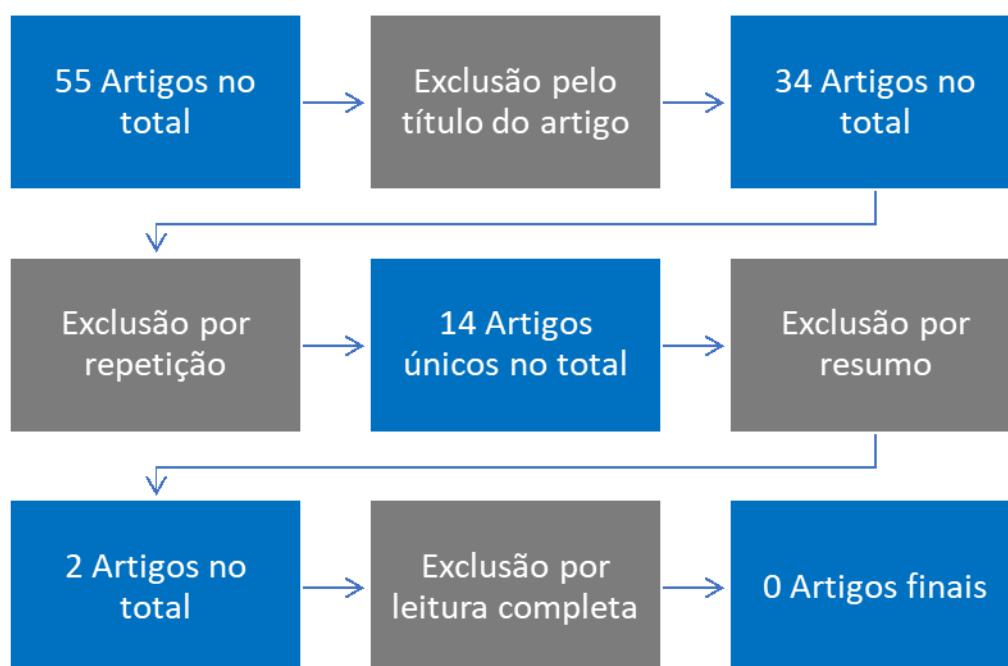
Figura 2 - Processo de exclusão dos artigos encontrados com o descritor “Autismo”



Fonte: Elaborado pelo autor.

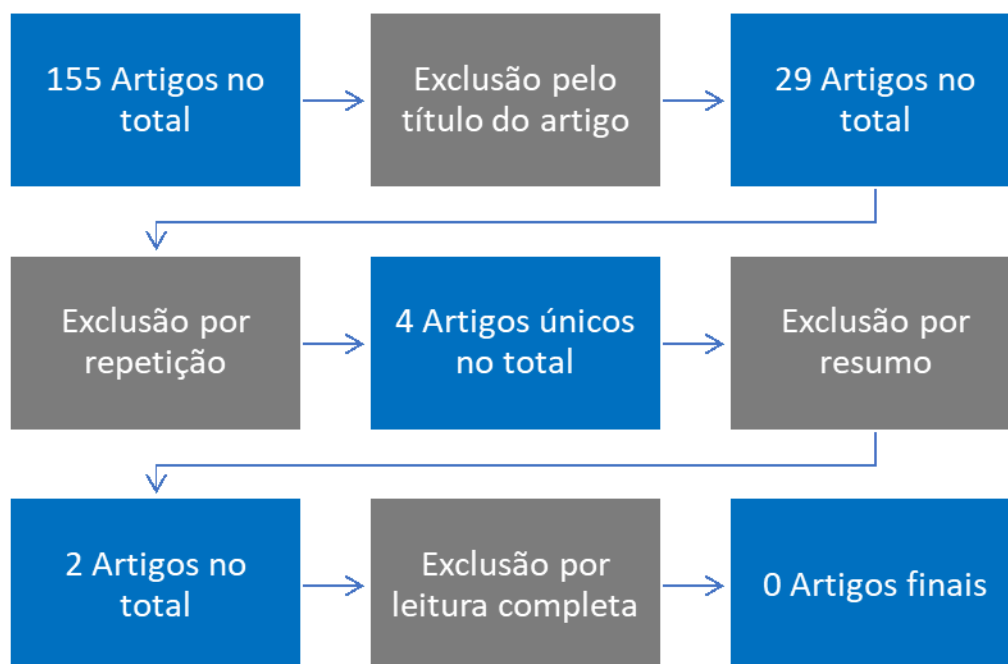
Utilizando o descritor “Asperger” foram encontrados 55 artigos no total, dos quais 34 foram selecionados após a leitura dos títulos, sobrando 14 artigos únicos após a exclusão dos duplicados. Foram lidos e analisados os resumos desses artigos, dos quais sobraram 2 artigos para leitura completa, mas não resultaram em nenhum artigo, como mostra a Figura 3 abaixo.

Figura 3 - Processo de exclusão dos artigos encontrados com o descritor “Asperger”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Utilizando o descritor “TEA” foram encontrados 155 artigos no total, dos quais 29 foram selecionados após a leitura dos títulos, sobrando 4 artigos únicos após a exclusão dos duplicados. Foram lidos e analisados os resumos desses artigos, dos quais sobraram 2 artigos para leitura completa, mas não resultou em nenhum artigo para inclusão na presente pesquisa, como mostra a Figura 4 abaixo.

Figura 4 - Processo de exclusão dos artigos encontrados com o descritor “TEA”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com isso, do total de 552 artigos encontrados, somente 3 artigos cumpriram todos os critérios de inclusão e remeteram à questão norteadora.

RESULTADOS

Tabela 1 - Análise dos artigos por categorias

Referência	Objetivo	Área do estudo	Tipo de Pesquisa	Conclusão
Leon, Siqueira e Parente & Bosa (2007)	Discutir e analisar hipóteses já existentes sobre a compreensão de metáforas em crianças com autismo e apontar novas hipóteses para o tema em busca de um marcador linguístico.	Psicologia e Medicina (Psiquiatria)	Revisão de literatura	Indivíduos com diagnóstico de TGD/TEA compreendem melhor metáforas primárias em comparação aos outros tipos de metáforas e inferências.
Ishihara, Tamanaha e Perissinoto (2016)	Verificar e comparar o desempenho de crianças e adolescentes com TEL e TEA em teste formal e padronizado de	Fonoaudiologia	Relato de Pesquisa: dois grupos, TEL composto por 10 indivíduos, com idade média de 8 anos e 7 meses. E grupo TEA	As crianças com TEL conseguiram um número de acertos significativamente superior ao das crianças com TEA.

	competência de linguagem, com enfoque na ambiguidade.		composto por 09 indivíduos, com a idade média de 11 anos e 5 meses. Utilizou-se a prova de compreensão de ambiguidade do teste de competência de linguagem - TCL.	
Panciera et al. (2019)	Investigar a interface entre a cognição social e a linguagem, analisando a relação entre a teoria da mente e a pragmática da linguagem em crianças com TEA.	Psicologia e Educação	Relato de Pesquisa: envolveu 24 crianças, entre 06 e 12 anos, com diagnóstico de TEA. Todos alfabetizados ou em processo de alfabetização. Foi utilizado a Escala de Wellman e Liu (2004) e Instrumentos de julgamento de enunciados literais e não literais de Matos (2012);	Os resultados indicam uma boa compreensão de enunciados literais e uma compreensão prejudicada em enunciados não literais de expressões idiomáticas e implicaturas conversacionais, sendo esta última pior que a outra.

Leon et al. (2007) realizaram uma revisão de estudos que forneciam evidências quanto à compreensão de metáforas em crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), que por sua vez engloba o Transtorno do Espectro Autista. Os autores fizeram uma discussão teórica sobre sete estudos que visavam a compreensão de metáforas. Eles concluíram que os estudos revisados apresentam dados relevantes tanto para as áreas de pesquisas teóricas, quanto para as áreas clínicas, porém observaram que os estudos possuem limitações, como por exemplo o contexto social dos participantes, o nível dentro do transtorno e a classificação das tarefas realizadas em cada teste.

Mesmo após a análise dos estudos, algumas perguntas continuaram em aberto, como o porquê das crianças diagnosticadas com TGD possuírem dificuldades de compreender as metáforas, quais aspectos específicos estão ligados a essa dificuldade e porque pacientes semelhantes por vezes apresentam respostas diferentes. Os autores levantaram a hipótese de que as crianças com esse diagnóstico possuem uma

compreensão melhor das metáforas primárias em comparação às expressões idiomáticas e metáforas complexas.

Essa hipótese se dá pelo fato de que as metáforas primárias são adquiridas precocemente e através de vivências durante o desenvolvimento, já as metáforas mais complexas necessitam de maiores inferências sobre o contexto e/ou o outro, tal habilidade que normalmente se encontra prejudicada por conta da condição do transtorno. Concluiu-se também que a procura por um marco linguístico que consiga melhor explicar e diagnosticar a cognição do indivíduo com diagnóstico de TDG/TEA demonstra-se promissora e com isso, a importância de mais estudos na área se torna visível para que tenham a capacidade de abranger as perguntas ainda em aberto.

O estudo de Ishihara, Tamanaha e Perissinoto (2016) pretende verificar e comparar o desempenho de crianças e adolescentes com Transtorno Específico de Linguagem e Fala (TEL) com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista em um teste formal e padronizado que avalia a competência de linguagem, com o foco principal sendo a ambiguidade.

O estudo possuiu um total de 19 participantes, divididos em 2 grupos: Grupo TEL com 10 indivíduos, 5 do gênero feminino e 5 do gênero masculino, com a média de idade de 8 anos e 7 meses e o Grupo TEA com 09 indivíduos, todos do gênero masculino, com a média de idade de 11 anos e 5 meses. O critério de inclusão foi que todos os participantes possuíssem diagnóstico multidisciplinar, idade entre os 06 e 14 anos de idade, exame audiológico dentro dos padrões de normalidade bilateralmente e teste de QI atualizado seguindo o Stanford-Binet Intelligence Scale.

Para o instrumento de pesquisa foi utilizado as provas de compreensão do Teste de Competência de Linguagem - TLC, que consiste em 13 itens, separados entre nível 1 (para crianças entre 05 a 09 anos) e nível 2 (para crianças acima dos 09 anos). Como resultado do estudo, obteve-se que as crianças com TEL conseguiram um número de acertos significativamente superior ao das crianças com TEA. Sendo a média do grupo com TEL de 26,80 e de TEA de 16,56.

Os autores concluíram com o estudo que as crianças com TEA possuem dificuldades maiores na compreensão de informações não verbais e ambíguas em relação as crianças com TEL, o que remete ao fato dessa habilidade de interpretação

estar ligada diretamente com a capacidade de interpretação de inferências, no qual o Transtorno do Espectro Autista afeta.

Por último, no estudo de Panciera et al. (2019), foi realizada uma investigação da interface entre a cognição social e o desenvolvimento da linguagem, relacionando a teoria da mente e a pragmática da linguagem. A metodologia do estudo consistiu em 24 crianças, entre 06 e 12 anos, sendo 04 meninas e 20 meninos. Todas com TEA, grau leve, alfabetizadas ou em processo de alfabetização.

Como instrumento de pesquisa foram utilizados para a teoria da mente tarefas da Escala de Wellman e Liu (2004) e para a avaliação da pragmática foram utilizados instrumentos de julgamento de enunciados literais e não literais desenvolvidos por Matos (2012). As tarefas da teoria da mente consistiam em 5 tarefas individuais e para a pragmática foram separadas em: 10 enunciados literais, 10 enunciados não literais de implicaturas conversacionais e 10 enunciados não literais de expressões idiomáticas.

A pesquisa obteve-se resultado de 49,17% de acertos nas tarefas de teoria da mente, sendo que as crianças obtiveram mais êxito nas 3 primeiras tarefas. Com a utilização de testes para comprovar a relevância e a dificuldade entre as tarefas, chegou-se à conclusão de que as três primeiras tarefas são consideravelmente mais fáceis que as duas últimas. Já para o resultado das tarefas de pragmática da linguagem foi realizada a somatória bruta de todos os resultados dos 30 enunciados e obteve-se a média geral de 21,17. Tendo melhores resultados individuais nos enunciados literais, seguido por não literais de expressões idiomáticas e por último não literais de implicaturas conversacionais.

Após analisar os resultados individualmente chegou-se à conclusão de que as crianças apresentaram mais facilidade em compreender os enunciados literais. Os resultados demonstram que crianças com TEA, na teoria da mente, possuem mais dificuldades em tarefas de falsa crença em comparação a tarefas de desejo, acesso à informação e crença. Também pode-se observar que as crianças com TEA possuem dificuldades em compreender enunciados não literais, mesmo o estudo não realizando a comparação entre essas crianças e crianças com desenvolvimento típico, pode-se observar uma grande diferença na compreensão de enunciados literais e não literais. Os autores concluíram que o estudo se demonstrou importante para as pesquisas dentro

desse campo do conhecimento e que mais pesquisas são necessárias para melhor entendimento das dificuldades e facilidades das crianças com TEA.

DISCUSSÃO

A revisão atual foi conduzida com base nas plataformas de bibliotecas eletrônicas de artigos científicos SciELO e CAPES, uma escolha que se justifica devido à sua ampla utilização por pesquisadores brasileiros e à disponibilidade de um vasto acervo de estudos publicados na América do Sul, além de serem amplamente acessíveis e de conhecimento público.

Essa revisão teve como objetivo verificar os resultados de estudos prévios sobre a compreensão de metáforas em crianças autistas, quais foram suas respectivas importâncias e considerações sobre o tema em questão. Ressalte-se que o estudo sobre compreensão da linguagem oral e TEA ainda é muito restrito (Wilson & Bishop, 2020) e especificamente sobre metáfora torna-se mais difícil, o que encontramos na literatura principalmente são artigos que relativamente se articulam com o tema, como o caso de estudos envolvendo a Teoria da Mente (Gallo-Penna, 2011).

Embora não tenha aparecido na presente pesquisa narrativa é importante citar a revisão sistemática da literatura, feita em 2010 por alunos da UFCSPA (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre) sobre compreensão de linguagem oral em crianças e adolescentes com TEA nas plataformas de biblioteca MEDLINE, LILACS, PsycINFO e Biblioteca Cochrane, que analisou 889 resumos de artigos, e finalizou com 7 artigos para análise total.

Chegou-se a conclusão que poucos estudos utilizam testes de compreensão oral na realização de ensaios clínicos e a maior parte dos testes utilizados só conseguem averiguar um aspecto por vez. A afirmação sobre a falta de protocolos padronizados para compreensão da linguagem oral se demonstra assertiva e a possível “falta de interesse” pelos profissionais de realizarem tais testes (Gurgel, Plentz, Joly & Reppold, 2010). Isso implica aqui na dificuldade de estudos sobre compreensão oral das metáforas.

Embora várias áreas se interessem pelo tema sobre compreensão das metáforas, como a Psicologia, a Linguística, a Fonoaudiologia, a Neurociências e a Educação, percebe-se nessa revisão que as áreas da Psicologia e a Fonoaudiologia

apareceram mais frequentemente nos resultados. Dentre os motivos para essas áreas do conhecimento estarem mais interessadas na compreensão da linguagem de pessoas com TEA hipotetiza-se a necessidade de avaliação e diagnóstico da linguagem, assim como a intervenção e orientação familiar e educacional, trabalho que é desenvolvido por essas áreas de estudo.

A linguística que possui amplo estudo sobre as metáforas (Moura, 2007), parece que, na literatura brasileira, ainda não realizou pesquisa relacionado a pessoas com TEA, diferente do que vem ocorrendo com a literatura internacional, como demonstra a revisão de literatura de Morsanyi, Stamenković e Holyoak (2020).

Os estudos relacionam também teoria da mente, autismo e metáfora. Na literatura refere-se a capacidade do indivíduo de atribuir sentimentos ao outro, para isso ocorrer, é necessário que a linguagem esteja sendo desenvolvida, principalmente para as tarefas de crença falsa, que são imperativas para o bom desenvolvimento da teoria da mente e determinação do que é sua própria opinião sobre as coisas.

Dito isso, e sabendo das dificuldades do sujeito com TEA, observa-se que esses indivíduos têm grandes dificuldades nas tarefas da teoria da mente e isso cria a hipótese de que se é a dificuldade/falta da teoria da mente que traz consigo as dificuldades de linguagem do autismo ou se são as dificuldades de linguagem do autismo que trazem consigo a falta/dificuldade da teoria da mente. Porém essas perguntas ainda estão sem resposta (Gallo-Penna, 2011).

Os estudos de campo encontrados de Panciera et al. (2019) e Ishihara, Tamanaha e Perissinoto (2016) tinham participantes entre 06 e 14 anos, portanto, já era esperado que a maioria das crianças nessa faixa etária que participaram dos estudos já compreendessem metáforas, o que não ocorreu com as crianças com o diagnóstico de TEA.

Para Siqueira e Lamprecht (2007), o ser humano começa a compreender metáforas entre os três e quatro anos de idade e evolui até adquirir “completamente” aos oito anos de idade, sendo que nessa idade terna, as metáforas acompanhadas de imagens/desenhos são mais fáceis de serem entendidas. Esse pensamento reflete também nos estudos comumente realizados em torno da compreensão de metáfora, com a maior parte sendo voltada para o público infantil. Contudo, no campo dos estudos

sobre TEA, a discussão sobre aquisição de linguagem e metáforas ainda é uma grande lacuna.

Os estudos analisados na presente revisão trazem consigo diferentes estratégias utilizadas para o estudo sobre a compreensão de metáforas, inferências, enunciados verbais e não verbais e desenvolvimento da linguagem pragmática. Porém todos coadunam em certos pontos a conclusão de Gurgel *et al.* (2010) de que falta protocolos padronizados para uma análise formal da compreensão, tendo alguns estudos apresentado instrumentos que foram estruturados para a própria pesquisa (Leon *et al.*, 2007; Panciera *et al.*, 2019; Ishihara, Tamanaha e Perissinoto, 2016). Para Gurgel *et al.* (2010) se demonstra também a possível “falta de interesse” pelos profissionais de desenvolverem instrumentos para essa avaliação.

Dentre os instrumentos de análise utilizados, um dos que se destaca é o estudo de Matos (2012) que avalia o entendimento da criança a respeito de enunciados literais e não literais. O estudo em questão utiliza-se de 30 itens que são pequenas histórias que ilustram situações de interlocução, no qual, ao final da história, a criança deve responder entre 02 opções qual a intenção comunicativa, do interlocutor, ela acha que a história representa.

Esse instrumento, quando utilizado em pesquisas com crianças brasileiras, precisou ser adaptado para o português do Brasil, já que por ser fruto de um estudo realizado em Portugal as histórias e imagens devem remeter ao cotidiano/cultura do Brasil, ao invés de Portugal como é originalmente, para serem válidos.

Essa validação foi realizada junto a uma psicóloga e uma linguista brasileiras, que analisaram a relevância dos itens do estudo. Ou seja, ainda não temos no Brasil instrumentos para essa avaliação, que sejam nacionais, em crianças. Vale ressaltar aqui que o NEUPSILIN-Inf (Salles, Sbicigo, Miranda & Fonseca, 2014), possui um conjunto de 4 metáforas na parte de linguagem e processamento inferencial para avaliar a compreensão oral. As metáforas apresentadas são as seguintes: “1. O menino é um foguete; 2. A mulher acertou na mosca; 3. A mentira tem perna curta; 4. Cada macaco no seu galho;”. Mas esse é o único teste que possuímos e ainda possui um número limitado de frases. Não há também estratégias que envolvam metáforas contextualizadas. Vale ressaltar que os testes realizados pelos pesquisadores dos estudos da revisão de literatura não estavam disponíveis na internet gratuitamente, desta forma,

não foi possível apresentar uma discussão mais profunda sobre o tipo de análise e estratégia que foi realizada nos relatos de pesquisa citados.

Nesse contexto, pode-se acrescentar ainda que nas pesquisas analisadas não foram considerados os aspectos sócio históricos para os resultados. Ou seja, não se faz relação entre práticas sociais, práticas de letramento e compreensão de metáforas. Contudo esse pode ser um ponto importante quando se analisa o desenvolvimento da compreensão das metáforas (Gil & Siqueira, 2010).

Vale ressaltar que na presente pesquisa, apesar de ter sido utilizado três diferentes nomenclaturas para as buscas (Autismo, Asperger e TEA), o número de resultados foi muito restrito, sendo o descritor “autismo” o que obteve mais sucesso nas buscas. Apesar dos artigos trazerem abordagens diferentes para as pesquisas, os autores tomaram o autismo como parte do Transtorno do Desenvolvimento Global. Os artigos em questão foram escritos entre os anos 2007 e 2019, o que pode justificar a utilização de nomenclaturas e gradações diferentes do DSM-5.

Apesar desse baixo resultado, os estudos que envolvem a compreensão de metáforas se tornam importantes em vários campos da linguagem, inclusive tem sido considerado um marcador importante para o diagnóstico (Leon et al., 2007). Além disso, mostra-se de grande relevância para o desenvolvimento de estratégias de ensino/aprendizagem da criança.

Ressalta-se que a metáfora pode ser utilizada como um recurso de ensino para ajudar na leitura e na compreensão textual de vários gêneros discursivos. Ela é muito flexível e infinitamente maleável, podendo ser utilizada de várias formas diferentes dentro dos gêneros, como em tirinhas utilizando-se de expressão corporal adjunta da linguagem para melhor entendimento, em charges com a metáfora implícita nas entrelinhas do desenho, no gênero informativo para fazer chamadas que estimulem a atenção ou títulos mais “absorvíveis”.

Em poemas a metáfora sempre foi muito utilizada desde seus primórdios para fazer associações e, nas piadas, como forma de adicionar a parte humorística na história (Fernandes & Guedes, 2011). Nesse sentido, deve-se refletir sobre as condições de ensino e aprendizagem do sujeito com TEA na linguagem acadêmica, pois ela é rica em metáforas e, nesse caso, entender e contornar esse prejuízo na compreensão é de extrema importância para uma melhor inclusão do aluno em sala de aula.

Ao final, observa-se que esta revisão levanta os seguintes pontos:

1. Baixo número de artigos. Evidencia-se poucas pesquisas sobre o tema, ao mesmo tempo considera-se a hipótese de ter sido utilizado apenas duas bases de dados. Contudo, esse resultado é ínfimo, comparado a outras temáticas. As três áreas de pesquisa dos artigos foram psicologia, medicina e fonoaudiologia. Embora este tema seja também do interesse da Linguística e Educação, não foram encontradas pesquisas nem mesmo relacionadas à metáforas no contexto da linguagem escrita.
2. Apareceram somente duas pesquisas de campo e o instrumento utilizado para avaliação não era brasileiro e não era validado para o Brasil. As duas pesquisas vão ao encontro da literatura quando afirmam que as pessoas com diagnóstico de TEA não compreendem metáforas complexas além de não terem hipóteses confirmadas sobre essa dificuldade. Os artigos não levam em conta as práticas sociais das crianças participantes da pesquisa nem o nível de suporte dos participantes, o que pode modificar as formas de análise. Um dos motivos talvez seja a desconsideração, na época do estudo, dos critérios utilizados para conceituar o TEA.
3. Não foi estabelecido critério de tempo para a pesquisa e ainda assim os artigos sobre o tema apareceram apenas depois de 2007, o que revela também o interesse recente, porém negligenciado, da temática.
4. Não há uma construção de hipótese clara sobre as causas das dificuldades de compreensão de metáforas nem sobre critérios para avaliação e intervenção relacionada a esse aspecto.

CONCLUSÃO

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição cada vez mais comum na sociedade e cada vez mais estudos estão sendo realizados sobre o tema considerando a evolução exponencial sobre o entendimento do TEA. Apesar de cada vez mais estudos estarem sendo realizados, mais perguntas vão surgindo e mais hipóteses vão sendo criadas. Segundo Rutter (2011) isso é algo bom para a ciência, pois percebe-se a constante evolução, que vem desde o começo da década de 40 e que está se tornando cada vez mais acelerada, e essas perguntas e hipóteses são o combustível necessário para alimentar a curiosidade e a busca pelas respostas.

Desta forma, como demonstra a presente revisão, a compreensão de metáforas por crianças autistas ainda é um tema pouco estudado na literatura, porém os poucos estudos nessa área sempre demonstram a grande importância que possuem para o entendimento das diferenças relacionadas à compreensão da linguagem.

Além disso, as dificuldades de compreensão de metáfora não podem ser concebidas como se fosse “tudo” ou “nada”. Deve haver uma hierarquia de inferências a ser adquirida assim como diferenças em contextos interativos e linguísticos, relacionados às características subjetivas de cada pessoa com TEA que estão ainda longe de serem explicadas.

O fato é que o Transtorno do Espectro Autista, segundo os artigos analisados, causa um grande impacto na interpretação de metáforas nas crianças, principalmente por afetar diretamente as interações sociais e a compreensão da linguagem. Desta forma, esta revisão realizada traz consigo argumentos que incentivam a continuidade e a criação de novos estudos na área, para melhor conhecimento de como funciona a compreensão de metáforas por crianças com TEA e assim conseguir reverberar esse conhecimento para as práticas mais inclusivas no campo educacional, clínico ou social.

REFERÊNCIAS

- Alcalá, G. C., & Madrigal, M. G. O. (2022). Trastorno del espectro autista (TEA). *Revista de La Facultad de Medicina (México)*, 65(1), 7–20. <https://doi.org/10.22201/fm.24484865e.2022.65.1.02>
- Almeida, M. L., & Neves, A. S. (2020). A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? *Psicologia: Ciência E Profissão*, 40(1), 1–12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>
- American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 5(5). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Fernandes, G. S., & Guedes, L. F. da S. (2011). METÁFORA - UM INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO PARA O ENSINO DA LEITURA. *Revista Estudo E Pesquisa Em Educação Juiz de Fora*, 13(1), 51–61.
- Ferreira, C. I. R. (2020). *Etiologia e Fisiopatologia da Perturbação do Espectro do Autismo - Revisão Narrativa da Literatura* (pp. 1–36) [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Gallo-Penna, E. C. (2011). *Teoria da mente e autismo: influência da linguagem parental explicativa de estados mentais sobre o desenvolvimento da compreensão social* (pp. 1–127) [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Gil, M. M., & Siqueira, M. (2010). Compreensão de Metáforas Relacionadas à Figura do Cavalo na Cultura Gaúcha. *Línguas E Letras*, 11(20), 51–67. <https://doi.org/10.5935/rl&l.v11i20.3403>
- Gurgel, L. G., Plentz, R. D. M., Joly, M. C. R. A., & Reppold, C. T. (2010). Instrumentos de avaliação da compreensão de linguagem oral em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*, 2(1), 1–10.
- Hage, S. V. R., Sawasaki, L. Y., Hyter, Y., & Fernandes, F. D. M. (2022). Social Communication and pragmatic skills of children with Autism Spectrum Disorder and Developmental Language Disorder. *CoDAS*, 34(2). <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212021075>
- Heleno, A. L. Z. L., Oléa, C. das N., Yanez, D. A., Costa, M. da, & Tarricone, S. de O. P. (2020). TEA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONCEITOS E INTERVENÇÕES DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO [Componente Curricular]. *Revista Científica Integrada*, 4(4), 1–7. Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES, Santos.
- Ishihara, M. K., Tamanaha, A. C., & Perissinoto, J. (2016). Compreensão de ambiguidade em crianças com Transtorno Específico de Linguagem e Fala e Transtorno

do Espectro Autista. *CoDAS*, 28(6), 753–757. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015260>

Klin, A. (2006). Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(suppl 1), s3–s11. <https://doi.org/10.1590/s1516-44462006000500002>

Leon, V. C. de, Siqueira, M., Parente, M. A., & Bosa, C. (2007). A especificidade da compreensão metafórica em crianças com autismo. *Psico*, 38(3), 269–277.

Lima, P. L. C. (2003). Metáfora e Linguagem. *Produção de Sentido: Estudos Transdisciplinas*, 1(1), 155–180.

Maenner, M. J., Warren, Z., Williams, A. R., Amoakohene, E., Bakian, A. V., Bilder, D. A., ... Shaw, K. A. (2023). Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. *MMWR. Surveillance Summaries*, 72(2). <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>

Marques, E. (2005). Sobre o reconhecimento e compreensão de metáforas. *Reflexão*, 30(88), 15–104.

Matos, C. M. da S. (2012). *Compreensão de linguagem não-litera em crianças com Perturbações do Espectro do Autismo* (pp. 1–155) [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/7338>

Ministério da Saúde. (2014). *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista (TEA)* (1st ed., Vol. 1). Ministério da Saúde.

Monteiro, R. S. (2013). Compreensão de metáforas: aprendizagem ou aquisição? *Letras de Hoje*, 33(2), 167–173.

Morsanyi, K., Stamenković, D., & Holyoak, K. J. (2020). Metaphor processing in autism: A systematic review and meta-analysis. *Developmental Review*, 57. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2020.100925>

Moura, H. (2007). Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem Em (Dis)Curso*, 7(3), 417–452.

Panciera, S. D. P., Buso, M. S. D. L., Sargiani, R. D. A., Domingues, S. F. da S., Valério, A., & Maluf, M. R. (2019). Cognição social e pragmática da linguagem: estudo com crianças autistas. *Psico*, 50(4), 30603. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.30603>

Pazeto, T. de C. B., Hara, A. C. P., Barrozo, A. F., Oliveira, J. de, Khoury, L. P., Duarte, D. B., & Schwartzman, J. S. (2013). Síndrome de Rett: Artigo de Revisão. *Cadernos de Pós-Graduação Em Distúrbios Do Desenvolvimento*, 13(2), 22–34.

Pisetta, M. A. A. de M., & Gregório, G. B. O. (2023). O AUTISMO COMO TRANSTORNO E A MEDICALIZAÇÃO DA VIDA. *Humanidades E Inovação*, 9(24), 301–313.

Pollio, H. R. (1977). *Psychology and the poetics of growth : figurative language in psychology, psychotherapy, and education*. L. Erlbaum Associates ; New York.

Posar, A., & Visconti, P. (2022). Update about “minimally verbal” children with autism spectrum disorder. *Revista Paulista de Pediatria*, 40. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020158>

Rother, E. T. (2007). Systematic literature review X narrative review. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/s0103-21002007000200001>

Rutter, M. L. (2011). Progress in Understanding Autism: 2007–2010. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 41(4), 395–404. <https://doi.org/10.1007/s10803-011-1184-2>

Salles, J. F. de, Sbicigo, J. B., Machado, W. de L., Miranda, M. C., & Fonseca, R. P. (2014). Análise Fatorial Confirmatória do Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve Infantil - NEUPSILIN - Inf. *Psico-USF*, 19(1), 119–130. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712014000100012>

Siqueira, M., & Lamprecht, R. R. (2007). As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlingüístico. *DELTA: Documentação de Estudos Em Lingüística Teórica E Aplicada*, 23(2), 245–272. <https://doi.org/10.1590/s0102-44502007000200004>

Vieira, M. V. R., Amaro, T., & Mendes, L. S. (2021). Tautologias e metáforas em português: uma investigação pragmática e aplicação ao ensino [Review of Tautologias e metáforas em português: uma investigação pragmática e aplicação ao ensino]. *Caderno Do IL*, 63, 108–145.

Wilson, A. C., & Bishop, D. V. M. (2020). Judging meaning: A domain-level difference between autistic and non-autistic adults. *Royal Society Open Science*, 7(11), 200845. <https://doi.org/10.1098/rsos.200845>